

# A IMPRENSA

REVISTA SCIENTIFICA, LITTERARIA E ARTISTICA

DIRECTOR LITTERARIO — Affonso Vargas

ASSIGNATURA	Publicação quinzenal	EXPEDIENTE
Lisboa: cada numero, pago no acto da entrega... 3000 réis Provincias e ilhas: trimestre ou 6 numeros..... 3000 » Brazil (moeda fraca): semestre ou 12 numeros.... 12000 » Numero avulso..... 3000 »	N.º 46	Toda a correspondencia deve ser dirigida á rua da Imprensa Nacional, 81, Lisboa. Assinatura paga adiantada. Artigos recebidos, quer sejam ou não publicados, não se restituem.

## SOARES DOS REIS

Que tristemente desanimadora deve ser a Vida para que certos espiritos, ás vezes os melhores, os mais puros, e aquelles mesmos a quem a Arte ou a Sciencia vinham trazer a sua consolação suprema, partam espontaneamente o fio que a ella os ligava, e procurem atufar-se para sempre no nada eterno e insondavel!...

Ahi têm esse pobre, esse sympathico martyr de um mal a que eu chamaria o *mal de sentir*; uma como *hyperpsychose* fatal e incuravel, que preferiu procurar na morte uma libertação e um allivio, porventura o unico que se lhe antolhou possivel, desde que aqui não havia encontrado senão a Tribulação e a Dor!

E no entretanto, perguntarão com pacmo os tranquilllos e os resignados da Existencia, que estranhas ou que percucentes agonias eram essas, que lento e lento minavam e contorciam o grande escultor, para que elle, tendo o intangivel e sagrado refugio da sua divina Arte, ainda assim não podesse com o fardo demasiado oppressor com que a Natureza ou o Destino o haviam sobrecarregado, e deliberasse alijal-o, alijando com elle o seu proprio cerebro cheio de idéas, o seu proprio coração cheio de illusões...

Com effeito, esses não comprehenderão, sequer ao de leve, a mysteriosa causa determinante do imprevisto e lamentavel desfecho d'essa tragedia de um desalentado, que, como todas as tragedias, não podia terminar senão pela morte.

Dirão que elle era querido, apreciado, feliz, que ganharia o que quizesse, n'um periodo em que o ouro é decididamente a *vis* soberana e invencivel que tudo alcança e de tudo triumphá; observarão que elle era emfim um victorioso e um forte, e que só os vencidos e os fracos devem morrer ou matar-se;... mas... mas esquecerão que ao lado das tremendas batalhas que na sua mente creadora se feriam durante a gestação de qualquer nova obra prima que o seu privilegiado escopro arrancava á materia inerte, e a que elle insufflava o fecundante calor do seu genio e da sua arte, batalhas de que saía em verdade victorioso e triumphador sempre, outras se davam na sua alma, na sua imaginação, na sua sensibilidade de fino organismo vibratil e resonante, que o deixavam *tocado*

e vencido, e que dia a dia lhe iam sugando a alegria, a esperanza, o enthusiasmo.

E essas, eram as maiores, as mais sangrentas, as que elle, ingenio visionario da existencia, não saberia, não poderia ganhar, as que por si proprio fomentava e accendia, e que inconscientemente, fatalmente, quasi diria até orgulhosamente, haveria de procurar a cada passo que desse n'uma sociedade para que não fôra feito.

Desenganemo-nos, meus amigos, todo aquelle que traz em si uma superioridade qualquer, traz por isso mesmo com ella um germen de desgraça e de morte. E se nem todos rojam pelo mesmo luctuoso declive por onde se despenhou Soares dos Reis é porque algumas forças imprevistas e estranhas os detiveram na queda, ou porque, mercê do arcabouço physico que lhes encerra o fragil e delicado vaso crystallino onde trazem o licor da vida, n'elle encontraram energia bastante para triturar por si só as mil e uma avalanches que a cada momento tentarão esmagal-os...

Depois, no caso presente não esqueçamos o asphyxiante e deleterio meio que essa fina flor sensitiva que se chama uma alma de artista encontra ao presente entre nós. Nada que a anime e a avivente, nada que a salve dos seus proprios desfallecimentos e dos que inevitavelmente procedem das injustiças e das inclemencias que elle ha de encontrar cá fóra, em pleno mundo e em plena lucta.

Falta-nos, apesar de algumas brilhantes e honrosas excepções, uma larga e vasta sociedade intelligente e rica, onde predominem as mulheres de gosto e de cultura, que acariciem, que lisongeiem, que *amem*, de qualquer das fórmãs por que as mulheres sabem *amar*, esses estranhos seres incompreensiveis que participam ao mesmo tempo da mulher e da creança.

Em geral nós trazemos a intelligencia e a alma de tal modo desinteressadas de todas as nobres cousas espirituaes que dulcificam a vida e a impregnam de uma essencia immaculada e etherea, que não procurámos a companhia e a convivencia dos altos e luminosos espiritos que poderiam trazer-nos esse invejavel bem. Alem d'isso, descurando como temos descurado a educação feminina, nas camadas mais densas, não a levando a apaixonar-se por nenhum dos ideaes que ainda logram disfarçar a algida nudez d'este mundo de enganos e de desillusões, fizemos com que aquellas que são as nossas irmãs, as nossas

esposas, as nossas companheiras, vivam em geral n'uma atmosphera absolutamente diversa da nossa, com interesses, com tendencias, com idéas diametralmente diferentes, desconfiadas e retrahidas, não tendo de ordinario commosco a mais tenue communidade de gostos ou de pontos de vista, e, o que é peor, vendo até ás vezes em nós, inimigos perigosos e confessos do socego e da salvação das suas almas... A isto nos levou a embuçada e estreita orientação por que temos deixado formar-se o espirito d'aquellas que tão grande influxo exercêrão sempre na sociedade e na vida.

E n'este cyclo vicioso e viciado em que nos debatemos, succede então o que era natural que succedesse, e é que a mulher, não nos comprehendendo, teme-nos ou despreza-nos, e que nós, não encontrando n'ella aquella alta intuição comprehensiva, aquella ampla tolerancia de idéas e de opiniões, aquella generosa e amavel indulgencia para com os nossos erros e para com as nossas incoherencias, tambem não sabemos desculpar n'ella as suas adoraveis fraquezas, e comprehender as suas ondeantes modulações de pensar e de sentir, e vivemos como dois inimigos que a Fatalidade houvesse jungido, mas que ambicionam libertar-se um do outro, e que continuamente se espiam, se injuriam e se guerreiam...

Se isto vae já sendo assim commosco, meus amigos, o que será então com almas como a de Soares dos Reis, organizações todas interiores, vivendo uma vida especial e mysteriosa, precisando ser a um tempo adivinhadas, comprehendidas, adoradas e perdoadas?! O que não soffrerão esses desventurados *doentes de ideal*, que não podem queixar-se, que não sabem *verse*, e que difficilmente logariam explicar, ás vezes a si proprios, que implacavel e absorvente mal é esse que os tyrannisa e punge?!

Calcular que o mundo não dará nem ouvidos nem razão á sua tortura, que se attenta n'elles é para lhes chamar doidos ou incomprehensives, que pagando-lhes—quando lhes paga—as irradiações do seu talento, imaginou ter saldado a sua divida com elles, e que não os aclama, que não os corteja, que não os avalia como elles sonham e desejam sel-o, e terem que achar isso profundamente natural e inevitavel, e serem forçados a considerar esse procedimento perfeitamente correcto e bem entendido, não é para causar uma grande, uma insubmersivel tristeza na alma dos que sentem?

Por mim creio que é, e quando attento nas agonias profundas que devorarão em segredo alguns d'esses incorrigiveis espiritos chimericos, que atravessam a vida á demanda de uma Thelema celeste que elles sonham existir, e por que em vão anceiam, comprehendendo que uma ou outra vez um d'elles, mais indomavel ou mais cansado, procure espontaneamente na bôca de um revolver ou no fundo de um precipicio o remedio para a enfermidade que os seus pares não saberiam curar.

É anarchico e desolador este modo de pensar, concordio; e em nenhum espirito equilibrado deve elle ter cabida, mas nem por ser assim, a triste perversão que elle accusa e photographa deixa de existir, e é por isso que nas proprias consciencias dos que—felizes d'ellas—não sentiram partir-se-lhes ainda a preciosa ancora da crença, esse impensado descalabro

de uma intelligencia, annullando-se voluntariamente e desertando do seu posto, acordará por certo, com uma lagrima de piedade, uma palavra de perdão, e ellas exorarão aos Céus calados uma gotta que seja da infindavel clemencia para com o desgraçado que não soube ou não pôde lutar nem soffrer...

Tal é o caso de Soares dos Reis, e quaesquer que houvessem sido os secretos designios que lhe dictassem esse acto de allucinado, que roubou á arte portugueza porventura o seu mais fidalgo e mais culminante espirito, á sociedade e á familia um cerebro que, deixando de pensar e de produzir, a empobreceu, roubando-lhe os primores que lá dentro amontoava e a que mais ninguem logrará insufflar vigor, elle merece o amplo e generoso testemunho de veneração e de saudade que só podem aqui prestar-se áquelles que, depositarios de qualquer scentella da Divina Grandeza, a eternisaram por qualquer modo n'al-guma obra realmente genial e verdadeiramente sublime...

Que o grande escultor que me suggeriu estas linhas pertenceu a este numero tão limitado e tão raro de espiritos-forças, prova-o-ha a exposição que o *Grupo do Leão* projecta realizar, e que certamente não deixará ficar em projecto, pois no dia em que se esquecesse de pagar essa divida de gloria e de veneração á memoria do seu mallogrado confrade, estava morto para a Arte e para a Honra, ... e por isso a pagar, creio.

Então, em presença d'esses pedaços da propria alma do grande artista extinto, e que elle espalhava como um perdulario inexgotavel por todos os primores que concebeu e executou, cada um de nós poderá recompor, traço a traço, a sua nobre e inconfundivel physionomia espiritual, e esse glorioso sonhador terá porventura um momento a saudação unanime, embora fugidia e posthuma, que ha de irromper espontanea de todos os labios e de todos os corações...

De nada—por desgraça—servirá ella ao infeliz creador da *Infancia do Artista* que certamente, sob a fria terra em que dorme o seu ultimo somno, não ouvirá essa unanimidade de aclamações e de *poenitets*—aclamações á sua obra, e *poenitets* pelo que o fizeram soffrer;—mas essas homenagens a alguma cousa de mais alto e de mais puro do que aquillo que em geral nos impulsiona e interessa, alem de serem uma rehabilitação moral, podem ir confortar tambem a alma alanceada e gemente de muito martyr ignorado, que ao ménos se julgará por um instante comprehendido nos seus sonhos, nas suas illusões... e nas suas dores, imaginarias ou reaes, e isso bastará para que nos elevemos aos nossos proprios olhos, e para que pensemos um pouco em olhar com mais amor e com maior consideração para os que na sociedade desempenham a missão sympathica de nos purificar a alma e engrandecer o espirito...

AFFONSO VARGAS.

Aquelle que para dar um passo conta demasiado as difficuldades e os accidentes de uma empreza ou lhes toma facilmente medo, nada fará nunca de grande.

CARLYLE.

## EÇA DE QUEIROZ

Entre as inúmeras paginas que Eça de Queiroz tem escripto, duplamente primorosas pelo seu estylo sempre tão fino, tão moderno e tão ironico, e pelos seus conceitos tão suggestivos e tão verdadeiros, permittimo-nos offerecer hoje aos leitores este bello estudo de Disraeli, que com a devida venia fomos arrancar ás columnas de um jornal onde elle saiu ha annos, esperando que o grande escriptor nos perdoará a semceremonia, e que os leitores nos agradecerão este mimo.

## LORD BEACONSFIELD

I

Recomeçando hoje estas CARTAS DE INGLATERRA — que eu não podia escrever de Lisboa, onde estive alguns mezes gosando os ocios de Tityro *sub tegmine fagi*, á sombra d'essa faia constitucional que se chama o Gremio — devo memorar, ainda que tarde, a morte de Benjamin Disraeli, lord Beaconsfield, occorrida no dia 19 de maio, pela madrugada, em Londres, na sua casa de Cruzon Street. A doença de lord Beaconsfield, uma complicação de gota, asthma e bronchite, arrastou-se cruel e longa; e mal, porém, foi debellado, e lord Beaconsfield succumbiu realmente á fraqueza, á fadiga dos setenta e sete annos de uma existencia tão episodica, tão cheia, tão commovente, que ella ficará como o seu melhor romance, bem superior em estylo e interesse a *Tancredo* ou a *Endymion*.

Desde o primeiro dia lord Beaconsfield perdeu logo a esperanza de se restabelecer; mas passou a encarar a morte como encarará sempre as suas derrotas politicas, com uma coragem desdenhosa e fria, e um ar de facil superioridade. Durante a doença, aos accessos agudos da dor, respondia elle com esses sarcasmos mordentes e rebrihantes, que tinham sido sempre a sua desforra querida perante um adversario mais forte.

No dia 18, á noite, caíu pouco a pouco n'uma somnolencia comatosa, e assim permaneceu até ao romper da manhã; momentos antes de morrer, agitou-se, ergueu-se ainda, dilatou o peito, lançou os braços ao ar — como costumava fazer nos grandes debates da camara; depois recaiu sobre o travesseiro, estendeu as mãos a lord Rowton e lord Barrington, seus secretarios, murmurou debilmente — *estou vencido* —, e ficou como adormecido para sempre. E, considerando que n'esse momento toda a Inglaterra, o mundo inteiro esperavam ansiosamente noticias d'aquelle quarto de Cruzon Street, onde expirava o homem que sessenta annos antes era um pobre escrevente de cartorio — pôde-se dizer que n'esta carreira tão feliz a morte mesma foi feliz.

O seu proprio funeral teria agradado á sua imaginação — a certos lados delicados da sua imaginação de artista. O testamento que deixou não permittiu que se celebrassem funeraes publicos na abbadia de Westminster — disposição estranhavel n'um homem que mais que tudo amou a pompa e os grandiosos ceremoniosos; mas não teve tambem o lugubre scenario da morte, os crepes, as plumas negras, as tochas, os fumos, as caveiras bordadas — tudo isso que deveria ser tão antipathico ao seu luminoso espirito. Foi sepultado no seu querido castello d'Hungenden, no meio das arvores do seu parque, por uma fresca manhã de maio, na capella toda ornada de flores como para uma alegria nupcial; o caminho que lá levava fa por entre jasmineiros e rosaes; em vez do dobre dos sinos de Westminster teve o gorgear das suas aves; e o caixão, seguido pelos principes de Inglaterra, por todos os embaixadores, pela aristocracia que elle governára — desapparecia sob corôas, ramos, molhos de *primroses*, que a rainha Victoria mandára com estas palavras, escriptas pela sua mão: «As flores que elle amava».

Depois, ao outro dia, em todas as cathedras da Inglaterra, em cada capella rustica, o clero fez do pulpito o elogio de lord Beaconsfield: nas universidades, nos institutos, nas academias os professores commemoraram aquella carreira soberba; pelas platafômas dos *meetings*, nas assembléas commerciaes, em qualquer parte onde se juntam homens, alguma voz se ergueu a honrar os seus serviços e o seu genio: lord Granville, na camara dos lords, na camara dos communs Glad-

stone, fizeram, em sessão solemne, o seu panegyrico publico; e durante dias toda a imprensa ingleza, a imprensa de todo o mundo civilisado (excepto a de Portugal, infelizmente), vieram cheias do seu nome, da commemoração dos seus livros, da sua pittoresca historia.

E assim lord Beaconsfield desapareceu — como fôra o desejo de toda a sua vida — n'um rumor de apothose.

E, todavia, nada parece mais justificado que uma tal apothose. Lord Beaconsfield, por fim, foi um homem de estado que fez romances. Ora, os seus romances, como obras de arte já começam a parecer, a esta geração de ciencia e de analyse, tão falsos, tão ficticios como as novellas lyrico-religiosas do visconde de Arlincourt; e como homem de estado o nome de lord Beaconsfield não fica de certo ligado a nenhum grande progresso na sociedade ingleza. Crear o titulo de imperatriz das Indias para a rainha de Inglaterra, roubar Chypre, restaurar certas prerogativas do corôa, tramam o *fiasco* do Afghanistan, não constituem de certo titulos para a sua glorificação como reformador social; por outro lado escrever *Tancredo* ou *Endymion*, não basta para marcar epocha n'uma litteratura, que teve contemporaneamente Dickens, Thackeray e Georges Elliot.

Como succede além d'isto que a Inglaterra, paiz tão pratico, tão bem equilibrado, se deixe levar em um tal arranque de admiração pelo homem que foi a personificação, a encarnação de tudo quanto é contrario ao temperamento, ás maneiras, ao gosto inglez? E que lord Beaconsfield, mais que nenhum outro contemporaneo, impressionou a imaginação ingleza — e na fria Inglaterra, como sob céus mais calidos, são grandes as influencias da imaginação.

Podia-se ás vezes sorrir das suas phantasticas obras de arte, protestar contra as suas theatraes combinações politicas, mas atravez de protestos e sorrisos a sua propria personalidade nunca deixou de maravilhar e de fascinar. Qualquer inglez, medianamente educado, a quem se pergunte a sua opinião sobre lord Beaconsfield, dirá: *Foi um homem extraordinario*.

Extraordinario — é como elle se nos representa, agora que se vê o conjunto da sua existencia — que não parece ter sido um producto natural dos factos ou das occasiões, mas uma creação subjectiva da sua propria vontade, e como um enredo de romance talhado pela sua penna. Senão veja-se. Tendo nascido judeu, tornou-se o chefe de uma aristocracia saxpna e normanda, a mais orgulhosa da terra: começando em um obscuro circulo litterario e vegetando algum tempo em um cartorio de Londres, veio a ser o mais famoso primeiro ministro de um grande imperio: não possuindo senão dividas, bem cedo se tornou o inspirador das grandes fortunas territoriaes: homem de imaginação, de poesia, de phantasia, foi o idolo das classes medias de Inglaterra, as mais praticas e utilitarias que jamais dirigiram uma nação commercial: sem religião e sem moral, governou um protestantismo que não concebe ordem social possivel fóra da sua estreita religião e da sua estreita moral: confessando o seu desprezo pela omnipotencia da ciencia moderna, foi o grande homem de uma sociedade que quer dar a todo o progresso uma base puramente scientifica: emfim, sendo o *menos possivel inglez*, tendo um modo de ser e de sentir quiz estrangeiros, dirigiu annos e annos a Inglaterra, o paiz mais hostil ao espirito estrangeiro, e que conhecia bem que não era comprehendida pelo homem que a governava. Tudo isto parece paradoxal, e a existencia de lord Beaconsfield foi com effeito um perpetuo paradoxo em acção. Para realizar tudo isto era necessario que o seu genio, e por um lado, por outro a sua habilitação fossem grandes. E realmente em dons psoeas nada lhe faltou; prodigiosa finura de espirito, uma vontade de aço, uma coragem serena de heroe, uma infinita veia sarcastica, um fogo ruidoso de eloquencia, o absoluto conhecimento dos homens, a luminosa penetração no fundo dos caracteres e dos temperamentos, um poder subtil de persuasão, um irresistivel encanto pessoal, e tudo isto envolvido (como por uma atmosphera luminosa) por alguma cousa de brilhante, de rico, de largo, de imprevisito, que era ou fazia o effeito de ser o *seu genio*.

Eu por mim começo por admirar a sua propria apparencia. Diz-se que fôra formoso como um Apollo, e que isto concorreu muito para os seus primeiros triumphos; agora, já tão velho, era apenas pittoresco.

A sua grande testa sobre a qual caíam aquelles dois extraordinarios caracões parallelos, o seu olhar recolhido e como concentrado em pensamentos muito fundos, o nariz de pura raça israelita, a boca descaída na sua eterna curva sarcástica, o beijo inferior muito recurvo e muito pendente, e a sua estranha pera de Mephistopheles, constituíam uma d'estas physiognomias que se sente que vão ficar na galeria da historia, e que servirão a futuros historiadores para explicar um destino e um genio. Em novo, e quando as modas romanticas o permitiam, vestia-se de setim e velludo, recobria-se de um luxo de medalhões e joias, as suas proprias calças tinham bordados de ouro. Agora, era mais sobrio de toilette: usava apenas estes casacos compridos como tunicas, a que os homens de origem judaica são particularmente afeiçoados, e o seu unico adorno eram os bellos ramos que lhe enchiam o peito. Um jornalista francez, n'um dia de crise politica, em que lord Beaconsfield fazia ver um discurso decisivo, encontrou-o momentos antes, n'um dos salões da camara, occupado a encher de agua o tubosinho de crystal que por traz da botoeira da casaca conservava frescas as suas rosas. Todo o homem está n'este traço.

De raça oriental, teve sempre o amor do fausto, das pedrarias, dos ricos tecidos, da pompa; os seus romances transbordam de descripções de palacios, de festas perante as quaes as mais ricas galas de Salomão são como desbotados scenarios de theatro de feira; o seu estylo resente-se d'este gosto: é um sumptuoso estofo, com recamos de ouro, cravejado de joias, scintillante e espesso, caindo em bellas pregas ao comprido da idéa. O dinheiro, o ouro, preoccuparam-n'o sempre, menos pela sua influencia social, que pelo mere esplendor da sua amontação. Os seus heroes possuem fortunas tão prodigiosas que seriam impossiveis, nas condições economicas do mundo moderno; *Lothario*, o famoso *Lothario*, querendo dar um presente de annos a uma senhora catholica, offerece-lhe uma cathedral toda de marmore branco, que elle mandou construir e que dedicou á santa do nome d'ella; o seu custo excederia de certo 2.000 contos fortes. Confessemos que é *chic*. Pois bem; presentes d'estes, dava o *Lothario* todos os dias. O banqueiro *Sidonía*, uma das mais curiosas creações de lord Beaconsfield, querendo dar ao seu amigo *Tancredo* uma carta de credito para os banqueiros de Syria, redige-a d'este modo: «Pague á vista ao portador tanto ouro quanto seria necessario para reconstruir os quatro leões de ouro massiço que ornaram a porta direita do templo de Salomão». — Também muito *chic*.

Estou certo que um dos grandes prazeres de lord Beaconsfield era poder manejar os milhoes de Inglaterra. Todos os seus ministerios custaram caudalosos rios de dinheiro; gastava o ouro como agua, — e dava-se o luxo de realizar por si, e á custa do seu paiz, as larguezas epicas do seu banqueiro *Sidonía*. Mesmo quando estava no poder, estava ainda no romance.

As linhas da sua biographia são conhecidas. Seu pae era um d'estes litteratos mediocres e trabalhadores, que vão desentendendo e colleccionando através de *in folios* e bibliothecas casos curiosos archaicos de historia e de litteratura. Benjamin Disraeli nasceu por isso entre os livros — litteralmente entre os livros, porque a casa em que viviam os Disraeli offerecia o espaço de uma boceta, e no quarto da creança, entre a accumulção vetusta dos calhamaços, havia apenas espaço para uma cadeira e para um berço. O velho Disraeli era judeu; mas felizmente para os destinos futuros do seu filho rompeu com a synagoga, e todos os Disraeli se fizeram christãos.

Benjamin tinha então dezete annos, e o seu padrinho na pia baptismal foi um certo Samuel Rogers, notavel por ser ao mesmo tempo um dos mais ricos banqueiros da *city* e um dos poetas mais elegiacos do seu tempo — e notavel ainda por não ficar na historia, nem como banqueiro, nem como poeta, mas como um requintado *gourmet*, o grande Lucullus de Londres, que deu os mais celebres, os mais finos jantares da Europa.

Assim marcado com o rotulo christão, Benjamin Disraeli largou a caminhar pela vida fóra, mas foi encharcar bem depressa n'um cartorio de tabelião, onde se diz que, durante dos annos, este moço orgulhoso, que já então se considerava um semi-deus, redigiu procurações e testamentos. Com a mesma penna, porém, já escrevendo *Vivian Grey*, e da tempestuosa sensação que este romance produziu d'a sua grande carreira. A obra, á parte algumas fugitivas scintillações de um genio ainda desequilibrado, é no seu conjunto ao mesmo tempo pesada e vaga; mas satisfazia os gostos escandalosos e intrigantes da sociedade d'então, pondo em scena duas in-

dividualidades marcantes de Londres, politicos, dandys, rainhas da moda, poetas e especuladores.

O melhor resultado do *Vivian Grey* foi tornar Disraeli Junior (como elle então se assignava) o favorito de lady Blenington e do conde d'Orsay, as duas dominantes figuras de Londres d'essa epocha, e que tinham de *sociedade* o mais selecto, mais intelligente, mais appetecido salão de Inglaterra.

Lady Blenington era uma mulher de graciosa e olympica belleza, de uma extrema audacia de caracter e de alta energia intellectual: estes dons formavam um typo destinado a reinar. O conde d'Orsay, esse era o homem que durante vinte annos governou a moda, o gosto, as maneiras com a mesma indisputada autoridade com que hoje o principe de Bismarck arbitra na Europa.

Usar um modelo de gravata ou admirar um poeta que não tivessem sido approvados pelo conde d'Orsay, seria correr o mesmo risco d'uma nação que hoje, sem autorisação secreta do principe de Bismarck, organisasse uma expedição militar. Lady Blenington, entre outras cousas embaçadoras, tinha uma filha: e o bello d'Orsay, não sei porque, nem elle o soube jamais, casou com essa menina. Os noivos vieram viver com lady Blenington; e, bem depressa, entre seu brilhante marido e sua resplandecente mãe, a pobre condessa d'Orsay foi como uma pallida lampada bruxuleando entre dois astros. Fez então uma cousa sensata e espirose: apoucou-se de todo, desappareceu. E o conde d'Orsay e lady Blenington, livres d'aquella senhora que entristecia, regelava as salas com o seu ar honesto e frio, começaram então a scintillar tranquillamente, como constellações conjunctas no firmamento social de Londres. E Londres curvou-se diante d'esta nova e original situação domestica, como se curvava diante de uma nova sobrecasaca do conde d'Orsay, ou diante de uma decisão litteraria de lady Blenington.

Benjamin Disraeli tornou-se bem depressa um dos heroes d'este salão, onde desde logo se mostrara com esse ar de tranquillidade superioridade, de recto desdem, que foi um dos segredos da sua força. Ordinariamente conservava-se calado, apoiado ao marmore da chaminé, n'uma pose de Apollo, melancolico, abandonando-se á caricia ambiente dos olhares das damas que viam n'elle a encarnação radiante do poetico *Vivian Grey*. As pessoas mais íntimas, começando por lady Blenington, já lhe chamavam sempre *Vivian*, querendo *Vivian*. O conde d'Orsay fizera-lhe o retrato á sepia — honra que elle dava raramente, e a mais appetecida n'esse curioso mundo.

Todos estes triumphos de Disraeli Junior não deixavam de surprehender Disraeli Senior. Um dia, dizendo-lhe alguém que seu filho estava compondo um romance, em que entravam duques, e toda a sorte de grandes, o velho e laborioso litterato exclamou: — Duques, senhores! Mas meu filho nunca viu nenhum sequer!

Viu muitos depois, viu-os todos — e governou-os com uma vara de ferro. Mas n'esse tempo o bello Disraeli Junior era ainda radical, ou tomara ao menos essa attitude. Meditava mesmo, a sua *Epopeia da Revolução*, — a sua unica obra em verso, de uma vaga rapsodia, que eu nunca li, mas de que os criticos mais benevolos fallam como de um volume de duzentas paginas, sem uma só linha toleravel. E, cousa curiosa, este homem tão fino, tão sceptico, tão experiente, nunca perdeu a candura quasi comica de se considerar um grande poeta como Virgilio ou como Dante, e a esperanza phantastica de que as gerações futuras poriam a *Epopeia da Revolução* ao par da *Eneida* ou da *Divina Comedia*.

Apesar de poeta abominavel e de perfeito dandy — ou talvez por isso mesmo — Benjamin Disraeli era reconhecido n'esse tempo como um dos chefes do movimento da *Joven Inglaterra*.

A *Joven Inglaterra* consistia n'um grupo de rapazes, ardentes e aristocratas, que se tinham embebido da revolução através da litteratura; fallavam muito da Humanidade, e queriam sobretudo um *burgo padre* que os nomeasse deputados; cultivavam pelos salões o amor platónico, queriam ver o povo feliz contanto que estivessem elles no poder para promover essas felicidades, e (traço decisivo das suas maneiras e da sua pose) quando se escreviam uns aos outros tratavam-se *my darling*, meu amor.

Tinham ainda outros distinctivos: usavam cabelle á *naçarena*, mostravam a coragem (enorme n'esse tempo) de admirar o odiado Byron, e procuravam elevar e aperfeiçoar a arte da cozinha em Inglaterra!

No emtanto Benjamin Disraeli já estava bem decidido a sacudir o seu radicalismo, quando fosse necessario aos inte-

resses da sua carreira. E essa carreira via-a elle então, apesar de desconhecido e pobre, tão claramente triumphante no futuro, como se a tivesse diante dos seus olhos escripta, parte por parte, n'um programma.

Em pleno reinado dos *tories*, é característica já a sua resposta a lord Melbourne primeiro ministro então, que lhe perguntava «o que elle tencionava fazer».

—Ser eu primeiro ministro d'aquí a pouco—respondeu o dandy com as suas grandes maneiras á Vivian Grey.

Lord Merbourne viu n'essa resposta uma odiosa e insolente jactancia. E assim parecia, quando, tempos depois, Disraeli, já deputado por Wycombe, fez o seu primeiro discurso—e o viu sufocado pelas gargalhadas e pelos apupos. Como não podia dominar o tumulto, calou-se, dizendo apenas estas palavras mais:

—Hoje não me quizeses ouvir. Um dia virá em que eu me farei escutar!

E um dia veio, em que não só a camara dos commons, mas a Inglaterra, todo o continente, a terra civilisada, escutavam com ansiedade as palavras que iam cair dos seus labios, e que traziam comsigo a paz ou a guerra na Europa.

EÇA DE QUEIROZ.

## COUSAS UTEIS

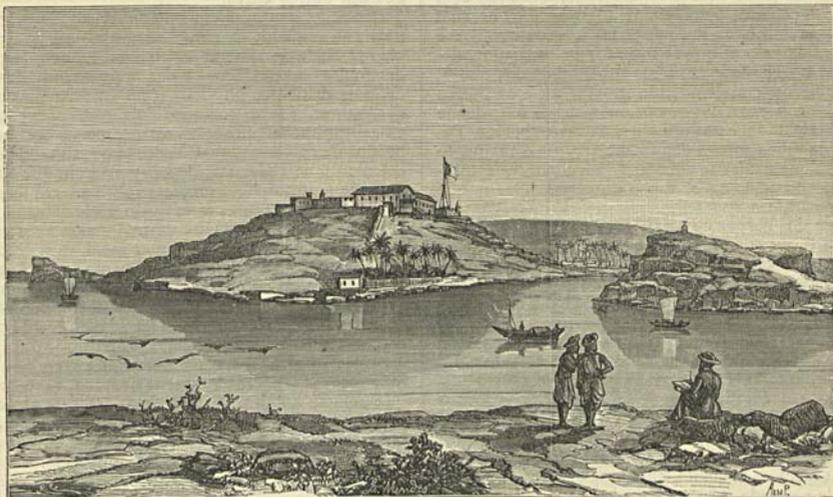
*O trapo de linho.*—Já de ha muito é aproveitado para a fabricação de papel. Cada resma de papel de linho vale de duas a quatro libras, e feito em notas de Banco ou em papeis para titulos ainda mais vale. Nós que somos ricos em trapos de linho fazemos d'elle papel almoço a 17800 e a 23400 réis a resma, e escrevemos as nossas cartas em papel de palha e algodão, que vem do estrangeiro, o qual comprámos por 47000 réis e mais. Se a isto ajuntarmos a differença de peso entre uma resma de almoço de linho e outra de papel fino de algodão, faremos uma idéa dos nossos espedícios.

É perigoso ser servido por todos, é peor não ser contradito por ninguem.

GLADSTONE.

A vida de uma mulher depende quasi sempre de cinco minutos.

TRONCONI.



TIRACOL

Tiracol, nos estados da India portugueza, é uma antiga fortaleza, á entrada do rio do Arodem ou Arondem, nos territorios hoje do dominio inglez, e outr'ora pertencentes ao Bounsolô, poderoso e inquieto rajah, ao qual foi tomada em 23 de novembro de 1746 pelo celebre vice-rei D. Pedro Miguel de Almeida Portugal, conde de Assumar, bem como as fortalezas de Bicholim, Sanquelim, Alorna e outras, facanhas com que ganhou justa e immarcescivel fama, e que lhe mereceram o titulo de marquez de Castello Novo, substituido pelo de marquez de Alorna, depois da conquista da praça do mesmo nome em 5 de maio do referido anno.

Além de muito amena e pittoresca, a posição d'esta fortaleza é ainda hoje importante, pois protege a fiscalisação da alfandega proxima, e pôde, convenientemente artilhada, servir para conter em respeito a provincia de Pernem, que por vezes tem procurado subtrahir-se á obediencia das autoridades portuguezas, e os proprios moradores das aldeias contiguas, na maior parte cypais, de ordinario propensos a colligar-se a quaesquer inimigos nossos, como mais de uma vez tem feito.

Em 1835, por occasião das lastimosas commoções politicas de que foi theatro a nossa India, a fortaleza de Tiracol se acolheram, em attitude hostil, alguns partidarios do prefeito Bernardo Peres da Silva. Como não quizessem submitter-se, foi entrada á viva força pelo governador militar Fortunato de Mello.

A praça de Tiracol compõem-se do reducto magistral, que é sobranceiro á foz do rio, de duas couraças, que descem da rocha para a praia e margem, ligadas por uma muralha, que abrange a aldeia alli existente, de uns quatro kilometros quadrados de superficie, pouco mais ou menos.

Em 1855 a aldeia de Tiracol contava 286 habitantes em 55 fogos; em 1863, segundo o sr. Lopes Mendes, aquelle numero elevava-se a 486, sendo 426 christãos e 60 gentios, que se empregavam na distillação da sura.

A fortaleza, que se conserva em soffrivel estado, era então governada por um alferes, e tinha montadas 16 peças, de calibres 6 e 9, compondo-se a guarnição, além do commandante, de 1 capellão, 1 cirurgião, 2 sargentos e 16 praças de pret de caçadores n.º 4, e 11 do regimento de artilharia do exercito de Goa.

## A ATMOSPHERA

## II

Demonstra-se a existência do ácido carbonico na atmosphera expondo ao ar um vaso com agua de cal; a pellicula branca que depois de pouco tempo se encontra á superficie do liquido é carbonato de cal, substancia que se compõe de cal e ácido carbonico.

A existência do vapor de agua na atmosphera tambem é de facil demonstração; basta expor ao ar um corpo solido muito frio—um balão de vidro com gelo, por exemplo—; em breve veremos o balão coberto de orvalho que proveiu da condensação do vapor de agua existente na atmosphera.

Para se determinar simultaneamente as proporções em que o ácido carbonico e a agua em vapor entram na atmosphera, podemos fazer uso do apparelho de Boussingault, que consta de quatro tubos em U, communicando entre si, e o ultimo communicando com um vaso cheio de agua, chamado *aspirador*, no qual está uma torneira; abrindo esta, a agua corre, e é substituída pelo ar que se introduz no aspirador, depois de haver atravessado os tubos, dois dos quaes, os primeiros, contêm ácido sulphurico, e os outros dois potassa caustica; nos primeiros dois o ar depõe a sua humidade, e nos ultimos o ácido carbonico. Pesados os tubos antes e depois, é claro que o augmento de peso que n'elles se encontra dá a conhecer as proporções do ácido carbonico e do vapor de agua que atravessaram o apparelho.

Alem dos corpos cuja existência já demonstrámos, dissemos que o ar continha outros; são os seguintes: vestigios de carbonato, nitrito e nitrato de ammonio-ozono, materias em suspensão, principalmente hydrogenados, chloretos e iodetos provenientes das aguas do mar, etc.

As proporções que acabámos de indicar não são constantes: variam se o ar, tendo sido recolhido n'um espaço limitado, tiver servido para alimentar a respiração e a combustão; n'este caso acha-se menos oxygenio e mais ácido carbonico e vapor de agua: é o que succede nos espaços limitados onde se reúnem muitas pessoas ou muitos animaes, ou onde ardem muitas luzes, e, portanto, com uma atmosphera assim humida e pesada, e já em grande parte destituida do gaz vivificante, é natural que os individuos n'ella immersos sintam incommodos de cabeça, suffocações e má disposição geral do organismo. O ácido carbonico é em maior quantidade não só nos espaços fechados, onde se reúne muita gente, do que nos espaços abertos, mas tambem dentro das povoações do que nos campos. Quando chove, a proporção baixa, porque uma parte dissolve-se. A proporção da agua tambem não é constante; varia com a temperatura e com as correntes atmosphericas.

O ar é uma mistura dos dois gazes oxygenio e azote, e não uma combinação. As razões por que assim se deve reputar são as seguintes: 1.<sup>a</sup>, as quantidades de oxygenio e azote que entram na constituição da atmosphera não são proporcionaes aos equivalentes d'estes elementos; 2.<sup>a</sup>, quando pomos em contacto oxygenio e azote nas mesmas proporções em que estes corpos estão na atmosphera, obtemos um gaz dotado de todas as propriedades do

ar ordinario, sem que haja a menor producção de calor ou de electricidade, phenomenos que acompanham sempre as combinações chemicas; 3.<sup>a</sup>, os dois gazes dissolvem-se na agua segundo a solubilidade de cada um; 4.<sup>a</sup>, o poder refrangente do ar atmosphérico é igual á somma dos poderes refrangentes do oxygenio e do azote, o que nunca se dá nas combinações dos gazes, cujo poder refrangente é sempre, segundo as observações de Dulong, maior ou menor que a somma dos poderes refrangentes dos seus elementos.

Quanto ás suas propriedades, sabe-se que o ar é inodoro, insipido e incolor em pequena espessura, mas azulado em grande massa, sendo por isso que o céu se nos apresenta com uma cor azulada; é mau conductor do calor e da electricidade, e as propriedades chemicas são as mesmas do oxygenio, só com a differença de serem menos energicas; a sua densidade a 0° serve de unidade para avaliar as densidades dos outros gazes.

Dissemos que o ar em grande massa apresentava uma cor azulada; mas qual será a altura da atmosphera? Nada se sabe ao certo a tal respeito, apesar das muitas investigações e dos muitos methodos que os mais distinctos physicos têm empregado para a determinar. Os astrónomos julgaram poder achar essa altura pelas refrações astronomicas, porque são produzidas pelo ar atmosphérico, e o resultado do seu calculo foi de 18 leguas; depois pensaram que a sombra que a atmosphera projecta sobre a terra lhes poderia indicar a altura, e acharam 25 leguas.

Parecia que o barometro devia dar essa altura mais exactamente que outro qualquer meio, mas acharam pouco mais de 10 leguas. Finalmente, uns têm-n'a avaliado em 60 ou 70 kilometros, outros, porém, em cerca de 340 kilometros; a grande desproporção entre estes valores mostra a incerteza em que está actualmente a sciencia sobre este ponto.

Mas a atmosphera, acompanhando a terra nos seus movimentos, é necessariamente limitada, e este limite, que hoje se admite de 50 a 60 kilometros, deve depender da relação entre a força da attracção da terra, que diminue muito com a distancia, e a força centrifuga que é proporcional a esta distancia.

LXVIII.

## DEMOSTHENES

O que caracteriza a eloquencia d'este grande orador são as figuras patheticas, a selecção dos termos, a belleza do estylo, sustentado desde principio a fim em todos os seus discursos, predicados com os quaes não só attrahia a attenção dos auditorios, mas—o que é mais—a admiração dos juizes.

Demosthenes ficou orphão de pe aos sete annos de idade. Entregue á tutela de curadores interesseiros e avaros, não foi educado com o esmero que demandava o seu precoce talento. Alem d'isso, era de uma compleição fraca, o que, junto á excessiva ternura de sua mãe, que o amava loucamente, impedia aos professores exigir-lhe assiduidade aos estudos.

Um dia Demosthenes, ouvindo fallar de uma causa celebre que estava para ser julgada, e que tinha feito grande ruido na cidade, pediu aos seus professores

que o acompanhassem ao tribunal, a fim de se assistir a esta famosa discussão. O advogado, por nome Calistrato, foi escutado com a maxima attenção, e, obtendo um successo extraordinario, conduziram-o em triumpho á sua residencia.

Demosthenes ficou vivamente impressionado das honras que viu prestar ao orador, e muito mais ainda do soberano poder que a eloquencia exerce sobre os espiritos, apossando-se d'elles como senhora absoluta. Desde esse dia Demosthenes renunciou a todos os estudos, e entregou-se unicamente ao da eloquencia.

Por esse tempo a escola de Isocrates, da qual saíram tantos oradores famosos, era a que gosava de melhor nomeada em Athenas. Mas, ou fosse porque a sordida avareza dos tutores de Demosthenes não lhe permitissem ouvir as lições do grande mestre, por serem caras, ou fosse que a eloquencia de Isocrates não lhe agradasse, o que é certo é que se resolveu a estudar eloquencia com Iséce.

O primeiro debute de Demosthenes foi contra os seus tutores, aos quaes obrigou a restituir-lhe parte dos seus bens. Animado por esta auspiciosa estreia, decidiu-se a fallar diante do povo. Foi-lhe, porém, fatal a experiencia; tinha uma voz fraca, a lingua entaramelada, e pouco folego para recitar grandes periodos, vendo-se por isso forçado a fazer algumas pausas, a fim de respirar. Apupado pelo auditorio, e em desanimado extremo, resolveu renunciar a uma carreira, para a qual se julgava sem vocação alguma. Apesar, porém, d'esta deliberação, um seu amigo, que tinha assistido aos debates, reconhecendo-lhe, apesar de tudo, um grande genio e uma eloquencia quasi rival da de Pericles, deu-lhe conselhos e incutiui-lhe coragem. Apresentou-se, pois, pela segunda vez, arrendando ao povo, porém não foi mais feliz. De volta a casa, cabisbaixo, em supremo desalento e confusão, encontrou um actor seu amigo, por nome Satyro, que inquiriu d'elle a causa da sua tristeza. Sabida ella, Satyro animou-o, dizendo-lhe que o mal não era irremediavel, nem para descoroçoamentos. Convidou-o a recitar-lhe alguns versos de Euripides ou de Sophocles, ao que Demosthenes annuiu. Repetiu-os por sua vez o actor, mas imprimiu-lhes tanta graça pelo tom, pelo gesto e pela vivacidade, que Demosthenes achou os versos muito melhores e muito differentes. Foi então que o futuro orador grego conheceu o defeito que possuia, envidando todos os esforços para o corrigir.

São quasi inacreditaveis os esforços que empregou Demosthenes a fim de remediar o defeito que tinha na lingua para se aperfeiçoar na pronuncia; porém a perseverança tudo consegue, e Demosthenes conseguiu-o. Gaguejava a tal ponto, que lhe era impossivel pronunciar certas letras, e, entre outras, a letra *p*, que tão começa a nome da arte que estudou. Tinha o folego tão curto, que não podia pronunciar um periodo inteiro sem se interromper. Por fim, conseguiu vencer todos os obstaculos, mettendo na bôca pequeninos seixos, pronunciando em voz alta, e sem interrupção, muitos versos, caminhando, subindo a altos pincares, sem que os grandes periodos o cansassem, e sem que lhe faltasse o folego para os concluir.

Muitas vezes, quando o mar se achava agitado, dirigia-se á praia, e ahi pronunciava trechos dos seus

discursos, a fim de se acostumar, entre o ruido confuso das vagas, aos motins do povo e aos gritos tumultuosos das assembléas. No seu quarto tinha um grande espelho, diante do qual declamava antes de fallar em publico. Foi bem pago de todos estes sacrificios, porque conseguiu erguer a arte de declamar ao mais alto grau de perfeição a que podia chegar no seu tempo.

A sua applicação ao estudo foi sempre constante. A fim de se conservar mais afastado de todo o ruido exterior, e menos sujeito a distracções, fez construir um gabinete subterraneo, que ainda existia no tempo de Plutarcho, no qual se encerrava mezes inteiras, tendo antes d'isso o cuidado de repar metade da cabeça, para não ser tentado a sair do seu esconderijo. Foi assim que, á luz de um candieiro, elle compoz os seus admiraveis discursos, que os seus émulos diziam tresandar a azeite.

«Para se avaliar, diz Plutarcho na vida de Demosthenes, os esforços que elle fez no intuito de se aperfeiçoar em todos os generos de estylo, bastará dizer-se que copiou oito vezes, por sua propria mão, a historia de Thucydides, a fim de tornar o seu mais familiar.»

P. J. CONSERVAÇÃO.

## APONTAMENTOS DAS MINHAS LEITURAS

### A lei da evolução na historia

#### III

E tanto é verdadeiro o que deixámos dito, que nos tempos modernos até perto do seculo passado, quasi nunca a historia foi mesmo escripta como acabámos de vel-a no mundo antigo.

Não era perfeita, bem o sabemos, mas não só nem podia sê-o, como ainda convem attender ás circumstancias locaes, á constituição geographica d'esses paizes que, essencialmente acanhados e distantes entre si, vivendo por assim dizer na praça publica, concentrando ahi toda a sua vida politica, explicam sem duvida a importancia dos actos dos grandes homens no seu destino, dão a razão de ser da supremacia que concediam á eloquencia, que tantas vezes decidiu dos seus destinos, caracterisam finalmente com toda a verdade a feição de povos que, vivendo n'uma oscillação conitnua, entre a paz e a guerra, entre a liberdade e a escravidão, tinham a necessidade fatal e justificavel de se lançar nos braços dos que se lhes impunham pela sua energia ou pela sua linguagem. O facto, pois, de uma individualidade quasi nunca ser esmagada pela multidão, encontra assim uma explicação plausivel. Isto tambem determina o methodo dos historiadores, collocando o homem sempre superior a todas as modificações sociaes ou cosmologicas, que ao depois se haviam de considerar tão importantes no desenvolvimento dynamico da humanidade.

Concluiremos, pois, de tudo isto que, não podendo tomar a historia no mundo antigo como uma sciencia, mas como um ramo da litteratura e da poesia, isso nos leva a affirmar que a sua formação como sciencia pertence exclusivamente ao seculo xviii.

Quererá isto dizer que só então é que se descobrimos os elementos para a elevar até ahi? Certamente

que não, porque desde Platão até Aristoteles, ou mais propriamente ainda até Leibnitz, Kant, Herder, Vico e tantos outros, ha uma constituição lenta das bases em que a historia tinha de assentar, bases que determinariam a orientação futura do espirito humano. Alem d'isso sabemos que todas as grandes leis que regulam hoje a marcha da civilização estavam já esboçadas nos primordios das sociedades.

Entrando, todavia, no mundo moderno, vamos ver quaes são os que contribuiram mais poderosamente para inaugurar o que poderemos chamar o criticismo historico e philosophico.

Attribue-se, por exemplo, a Bossuet a criação da philosophia da historia na sua obra *Discurso sobre a historia universal*.

Pelo seculo xv o espirito de solidariedade da maior parte das nações europeas determina a criação de historias geraes e nacionaes, sendo n'essa epocha que apparecem os bellos modelos de litteratura antiga de Froissart e Monstrelet, embora surjam tambem as narrações enfadonhas dos chroniqueiros; todavia Mezeray escreve pela primeira vez uma historia de Franca digna d'esse nome.

Houve, portanto, uma renovação de estudos historicos.

Mais tarde, pois, Bossuet escrevendo a obra de que fallámos, veio reforçar tambem esse movimento. N'esta obra tentando o auctor provar que é sempre a Providencia quem vae conduzindo o homem, mostra a duração perpetua da religião. Apesar, porém, de diligenciar mostrar-nos o encadeamento dos factos sociaes, consigna alguns escriptores francezes a concepção da philosophia da historia dimanando da metaphysica de Leibnitz e não da theologia de Bossuet.

Submettendo a ordem das causas physicas e moraes ao principio da razão sufficiente, Leibnitz abriu o caminho á doutrina do determinismo universal, cuja formula apresentou. Mostrando que tudo se liga e se prende na successão das cousas, que o passado estava cheio do presente como o presente do futuro, Leibnitz proclamou o principio da evolução fatalista e tradicional.

No seculo xviii, todavia, é que se accentua claramente a idéa da perfectibilidade e do progresso universal.

Herder, na Alemanha, remontando-se á origem do mundo, começa por estudar a criação inferior, analysando em primeiro logar o mundo mineral e o vegetal, e chegando assim ao homem, que analysa na sua constituição physica e intellectual. Examinando as influencias do meio, prova como o homem, que elle chama o microcosmo, é o resumo e a resultante da natureza inferior. Depois estuda a terra, expõe a noção dos climas, as boas disposições do solo, e as condições diversas da geographia. Emfim observa o homem nas suas faculdades e nas suas inclinações, e só depois d'este trabalho preliminar entra na historia, demonstrando que ella não é senão o conjuncto de resultados necessarios produzidos pelo exercicio das faculdades humanas, no intimo dos diversos meios naturaes, n'uma palavra, o encontro e a combinação perpetua da natureza humana com a natureza externa.

Como se vê, apesar do que se diz em contrario, era uma concepção importante a de Herder, e se as

suas tendencias espiritualistas e religiosas lhe tiram por vezes o seu alto valor imparcial e scientifico, torna-se ainda incontestavel que foi elle um dos que mais racionalmente encarou esse grandioso e admiravel problema.

Em Herder vamos nós achar estas conceituosissimas palavras: «Cada um dos desenvolvimentos da nossa especie é o que o fizeram não só o homem mas o tempo, a occasião e o logar, todas as circumstancias da vida, e emfim; isto faz que a historia do genero humano constitua uma vasta cadeia de tradições, e mostra a verdadeira concatenação de todos os phenomenos».

Todavia não será Herder quem para nós tivesse ainda esboçado, embora levemente, a grande lei da evolução; iremos vel-a antes sabiamente presentida por Kant, quando affirmava que o que no individuo parece confuso e cahotico, reconhece-se na especie um desenvolvimento continuo, apesar de lento, a ponto de que, quando o homem abandonado ás suas proprias forcas, imagina seguir um caminho seu, não faz mais do que obedecer a uma evolução a que pouca importancia ligaria, mesmo que a percebesse.

Isso escrevia o grande philosopho na sua *Idéa geral de uma historia universal no ponto de vista da humanidade*. De Condorcet sabe-se que no seu incomparavel trabalho *Progresso do espirito humano*, em que elle mostra que será infinita a marcha da humanidade, transparecem os principaes lineamentos da lei que Comte com o seu methodo admiravel havia de exemplificar, e Herbert Spencer de completar.

Passemos, porém, a Vico. São todos unanimes em dizer que é n'elle e em Montesquieu que começa verdadeiramente a sciencia da historia; mal pareceria então que não vissemos aqui como a comprehendeu esse grande espirito.

Vico tentou interpretar os mysterios, e achar o immutavel no variavel, a unidade na diversidade. A sua theoria da circularidade dos (*ricorsi*) comquanto para muitos não tenha fundamento algum verdadeiro, porque, como tão profundamente o diz Littré, o progresso caminha em linha recta, não é, porém, certamente o que ha mais original. A idéa fundamental da sua obra é a restauração do Factum, isto é, da experiencia, na sciencia social, no logar que a razão *a priori* lhe havia usurpado.

Conforme elle diz, a sociedade não é a obra da razão explicita; resulta da sabedoria inconsciente e collectiva que se manifesta nas proprias instituições dos povos primitivos, e que é apenas a expressão das necessidades sociaes. N'uma palavra, a sociedade é para Vico não o producto de uma razão reflectida e sabia, mas o resultado de um criterio instinctivo e implicito; e as leis não são mais do que a tardia expressão das condições de existencia de cada sociedade. Finalmente, é já da *Scienza Nova* de Vico que pôde extrahir-se esse immortal principio de que a humanidade é o producto de si mesmo, em que haviam de fundar-se todos os que quizeram estudar a constituição primitiva dos povos, não se guiando em absoluto pelas theorias demasiado phantasias de philosophos mais poetas do que criticos...

APONSO VARGAS.